

EDUCAR NA BIOLOGIA DO AMOR E AS IMPLICAÇÕES DO PENSAMENTO NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Eleusa Gomes de Oliveira¹

RESUMO

O ideólogo da violência, Aumann, aconselha o emprego da violência para conseguir o equilíbrio, ou seja, a paz. Jung mostra que a ideologia da violência possui sua origem na cultura judaico-cristã. Arendt comenta que a violência sempre foi elogiada como pertencente à natureza humana, no entanto, materializa a incapacidade de agir em conjunto. Maturana ressalta que a violência é compatível com a emoção de morte e o amor é o resultado da emoção de cooperação. Educar na biologia do amor gera o espaço aprendente ecologizado colocando em evidência a harmonia do ser humano com a natureza. Morin enfatiza que no nível mais alto da complexidade humana, a religião somente pode ser amorosa, isto é, comprometida com a comunhão e conexão. Moraes acrescenta que a praticidade da escola ecologizada envolve abertura para mudanças de valores, atitudes e estilo de vida. Mostramos a possibilidade de construir o espaço ecologizado comentando a existência das Escolas Sathya Sai Baba no Brasil e o Instituto de Educação Integral Transdisciplinar (INÉDITO). Concluímos que a passagem do paradigma da violência para o viés do amor é um processo individual que implica na ampliação da consciência de cada pessoa e a escola ecologizada oferece o espaço adequado para que o ser humano possa superar a lógica desumanizadora do atual sistema que estamos vivenciando. Na escola ecologizada nós podemos vivenciar a diversidade de pessoas, de pensamentos e de idéias e principalmente as diversidades de mundo possíveis.

PALAVRAS- CHAVES: Violência. Amor. Ecologização. Escola.

Introdução

O trabalho sobre a educação na biologia do amor e suas implicações no pensamento da educação ambiental é um artigo de revisão onde procuramos resumir,

¹ Coordenadora do Núcleo de Iniciação a Ciência e Professora da Faculdade Atenas –Paracatu/MG.

analisar e discutir informações transmitidas por Aumann, Arendt, Jung, Maturana, Morin e Moraes. O referido assunto possui sua relevância devido às mudanças que estão ocorrendo nas mentalidades das pessoas onde o paradigma mecanicista está sendo substituído por uma episteme autoreferencial que possui suas bases na estrutura autopoiética de cada indivíduo. O arquétipo autoreferencial trabalha com o viés do entrelaçamento do indivíduo com o mundo social e natural fazendo surgir o conceito de ecologização e conseqüentemente de escola ecologizada.

Iniciamos o nosso trabalho com as colocações de Aumann que é um ideólogo da violência, não aceitando as reivindicações do adversário, aconselhando sempre o emprego da violência para a manutenção do equilíbrio. O equilíbrio somente é possível através da imposição do mais forte sobre o mais fraco.

Jung mostra que a ideologia da violência possui suas bases na cultura judaico-cristã que incute o terror através de inúmeras passagens do antigo e novo testamento. De deus sempre sai à luta, o terror e as imposições. As referidas literaturas criam uma teia de ressentimentos, pensamentos de vingança resultando um quadro verdadeiramente assustador. Arendt também teoriza que a violência é confirmada e reforçada pela tradição judaico-cristã na sua concepção imperativa da lei divina. Arendt comenta que a violência sempre foi elogiada como sendo o pré-requisito para a vida coletiva, contudo não é um aspecto natural ou pertencente a natureza humana. Diz Arendt que a violência se explica pela severa frustração da capacidade de agir em conjunto, na burocratização da vida pública, na vulnerabilidade dos grandes sistemas, na monopolização do poder e na secagem da criatividade. A violência nunca será legítima.

Maturana discutindo o assunto mostra que a reação estrutural do ser humano é preponderante diante do ambiente, gerando emoção e conseqüentemente a racionalidade que conduz o corpo a uma ação específica. São duas emoções básicas pré-verbais denominadas de emoção da violência e emoção do amor. A emoção da violência provoca a racionalidade sem parêntese comprometida com o espaço de conduta que nega o outro, culmina com a separação, provoca relações de competição e contradições. A emoção de amor gera a aceitação do outro, cria um espaço de interação e interligação entre o micro, meso e macro.

Maturana salienta que a violência é compatível com a emoção de morte e com a racionalidade sem parêntese e o amor é o resultado da emoção de cooperação e racionalidade entre parêntese. Na educação do amor surge o espaço aprendente ecológico colocando em evidência a harmonia que não destrói, não explora, não abusa, não pretende dominar, vivencia a integração do ser humano com a natureza e finalmente aceita o mundo natural sem pretender dominá-lo. Educação do amor envolve a criação de condições que permita a ampliação da capacidade de ação e reflexão contribuindo para a conservação da cooperação. A educação do amor trabalha com o conceito de transformação de maneira responsável com o meio-ambiente natural e social. Nós somos seres pertencentes a história amorosa, não pertencemos a história da agressão ou da competição. O espaço aprendente deve ser amoroso e não competitivo.

A educação do amor na ótica de Maturana não fraciona e não separa o ser humano da natureza, passando a existir o espaço aprendente ecológico sendo formado pelo movimento centrípeto de pessoas com emoção de amor. É um sistema aberto onde tudo está conectado em perfeita comunhão. Toda individualidade existe em profunda comunhão com o seu entorno.

O discurso de Morin, complementando as colocações de Maturana, salienta que no nível mais alto da complexidade humana, a religião somente pode ser amorosa. Conectar-se ao amor significa a religião ou conexão cósmica infratemporal e infra-espacial, sendo que o universo existe devido a uma religião invisível e universal. A natureza é comprometida com a comunhão e conexão. O ser humano necessita de um modo de pensar mais complexo, mais profundo e abrangente, uma visão que não separe o indivíduo do mundo em que vive. Onde existe amor existe ética e onde existe ética existe amor. A ética possui sua origem no princípio da inclusão, expressão do imperativo da religião, assim sendo, conectar-se ao amor significa religião cósmica.

Mostramos a possibilidade de construir a escola ecológica citando a vivência das Escolas Sathya Sai no Brasil e do Instituto de Educação Integral Transdisciplinar (INÉDITO), que estão trabalhando valores humanos, atitudes e estilo de vida; educando o olhar para reconhecer a realidade que atualmente estamos inseridos; preservação da liberdade interior; reflexão sobre os meios para inserir o paradigma do amor no espaço de convivência.

Concluimos o nosso trabalho reconhecendo que a cultura de violência na modernidade gerou a busca pelo lucro e o lucro passou a ser a manifestação exógena da violência destruindo o ser humano e a natureza. A escola ecologizada passa a ser o instrumento imprescindível da transformação individual através do oferecimento de um espaço onde possa construir um pensamento radicalmente reflexivo dando-lhe condições para que a emoção de amor se manifeste em toda sua plenitude.

1 Reflexão sobre Violência e Amor

Aumann² (2009) comentando a relação existente em que dois ou mais indivíduos ou entidades lutam para atingirem as suas próprias metas aconselha: a) é difícil conseguir cooperação entre as partes, pois cada um faz o que é melhor para si. b) existe uma tentativa de resolver o problema tomando medidas para agradar à outra parte, mas atender as demandas do adversário não resolve o problema. c) o importante é não aceitar as reivindicações do adversário e se houver insistência revidar com violência, não ceder às demandas dos outros. d) o fracasso em uma relação é devido ao excesso de flexibilidade nas negociações. e) fazer concessões é o pior caminho para conseguir a paz.

Aumann (2009) parte da tese que em todas as relações humanas, sejam elas individuais ou coletivas deve existir um vencedor e o vencedor é aquele que consegue impor a sua própria vontade ao outro. Salienta que a guerra fria nunca ocorreu porque nenhum dos lados cedeu às demandas do outro e existiam aviões carregando armas nucleares no ar 24 horas por dia, 365 dias por ano, durante mais de quarenta anos. Na crise dos mísseis de Cuba em 1962, o presidente americano John Kennedy deixou claro aos russos que, se os mísseis não fossem retirados da ilha os Estados Unidos agiriam, com isso, Kennedy conseguiu a paz.

² Robert Aumann: matemático israelense, vencedor do Prêmio Nobel de Economia no ano 1994 por seus estudos na área da Teoria dos Jogos. Membro da Academia Nacional Norte-Americana das Ciências, de dupla nacionalidade, israelense e norte-americano. É considerado um dos mais importantes economistas de todos os tempos e trabalha no Centro para a Racionalidade, na Universidade Hebraica de Jerusalém em Israel.

Elaborando estudo sobre os conflitos entre israelense e palestino o matemático Aumann (2009) salienta que o fracasso vem do fato de o governo israelense ser excessivamente flexível nas negociações com os palestinos. Diz que o governo israelense fala-se apenas em paz, paz, paz. Os israelenses não mostraram aos palestinos que vão ficar e não vão sair de seus territórios. Os israelenses são flexíveis e deveriam usar a violência para imporem suas vontades.

Totalmente contrário a qualquer tipo de flexibilidade nas negociações, Aumann (2009) argumenta que a política de pacificação de Chamberlain visava unicamente garantir a paz passando a atender a todas as demandas de Hitler. Ao fim das negociações de Munique, em 1938, ele perguntou a Hitler se todas as exigências da Alemanha haviam sido atendidas. Hitler disse que sim. Dias depois as tropas alemãs ocuparam os Sudetos, meses depois tomaram a então Checoslováquia, um ano depois Hitler invadiu a Polônia. Conclui Aumann (2009) que as concessões de Chamberlain levaram o mundo à II Grande Guerra.

O discurso de Aumann (2009) mostra que apenas existe equilíbrio através da imposição, da violência e da ausência de cooperação entre as partes. A paz é a imposição do mais forte sobre o mais fraco e sua lógica é fundamentada na tradição judaico-cristã. Comenta que em diversos conflitos atuais, há uma tentativa de agradar a outra parte. Erra quem pensa que atender às demandas do adversário pode trazer a paz.

A violência em nosso mundo atual possui também suas bases na tradição judaico-cristã e Jung³ (1986) discute o referido tema salientando que o Apocalipse⁴ incute terror. De deus sai luta e derramamento de sangue. Deus adverte à comunidade de Éfeso que faça penitência, pois senão será privada da luz. Quem não fizer penitência, se não obedecer será punido. Ao vencedor deus dará alimento da árvore da vida que se encontra no paraíso.

Jung (1986) referindo ao Apocalipse comenta:

³Carl Gustav Jung: nasceu em 1875 e faleceu em 1961, foi um psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, também conhecida como psicologia junguiana.

⁴ Apocalipse: chamado também Apocalipse de São João, pelos católicos e ortodoxos, e Apocalipse de João, pelos protestantes, ou ainda Revelação a João. É um livro da Bíblia, o livro sagrado do cristianismo e o último da seleção do Cânon bíblico.

Vão criando uma teia de ressentimentos e de pensamentos de vingança que acabam irrompendo na consciência em forma de revelação. Resulta então um quadro verdadeiramente assustador, como uma espécie de bofetada contra todas as representações de humildade, tolerância e de amor ao próximo e ao inimigo, e de um Pai amoroso que está no céu e de um Filho e Salvador que veio libertar os homens. Uma verdadeira orgia de ódio, cólera, vingança, furor cego e destruidor, insaciável de criações fantásticas e aterradoras, irrompe na superfície e inunda, com sangue e fogo. (...) A abertura do sétimo selo acarreta naturalmente uma nova onda de desgraças que ameaçam esgotar a fantasia nada santa de João (JUNG, 1986:81).

Jung (1986) mostra que a vivência judaico-cristã é uma constante luta entre as trevas e a luz, sendo que a luz somente resplandecerá com o aniquilamento total e definitivo das trevas. “A paixão que explode do Apocalipse é o espírito do próprio deus que abre caminho através do invólucro fraco e mortal, alimentando, mais uma vez, o temor dos homens diante da divindade imprevisível” (JUNG, 1986:87).

Na literatura religiosa na Índia antiga vamos encontrar também um deus violento que impõe o terror aos seres humanos incentivando a guerra. No Bhagavad Gita⁵ (2: 32) o deus Krsna aconselha o seu discípulo Arjuna: “felizes são os guerreiros para os quais tais oportunidades de lutar surgem sem que procure, abrindo para eles as portas dos planetas celestiais. Se você não lutar nesta guerra (Guerra de Kuruksetra) então você incorrerá em pecado por negligenciar seus deveres, e assim perderá sua reputação de guerreiro.”

O Alcorão⁶ não deixa de mostrar um deus violento inimigo de todos os humanos que não cumprem suas ordens. Segunda Surata (2:24) deus disse aos seres humanos: “se não o fizerdes – e certamente não podereis fazê-lo – temei, então, o fogo infernal cujo alimento será os ídólatras e os ídolos; fogo que está preparado para os incrédulos”.

⁵ Bhagavad Gita: é um texto religioso da Índia. Faz parte do épico Maabárata, embora seja de composição mais recente que o todo deste livro. O Maabárata é datado do século IV a.C.

⁶ Alcorão: é o livro sagrado do islamismo. Os muçulmanos acreditam que o Alcorão é a palavra literal de Deus (Alá) revelada ao profeta Maomé ao longo de um período de vinte e dois anos.

Arendt⁷ (2009) teoriza:

Poder e violência foram estranhamente confirmados e reforçados pelo acréscimo da tradição judaico-cristã e sua concepção imperativa da lei. Esse conceito não foi inventado pelos realistas políticos, sendo antes o resultado de uma generalização muito anterior e quase automática dos Mandamentos de Deus, de acordo com a qual a simples relação de comando e obediência já era de fato suficiente para identificar a essência da lei. Finalmente, convicções científicas e filosóficas mais modernas acerca da natureza do homem fortaleceram ainda mais essas tradições legais e políticas (2009:55)

Diante de tanta violência na tradição judaico-cristã, na cultura mulçumana e na sociedade Vedanta as palavras de Aumann colocam a violência como sendo um fato natural inclusive praticado pelo deus cristão, deus indiano e deus muçulmano. Na concepção de Auman a violência é um fator natural relacionada com o poder, pois, o próprio deus que possui todo o poder é violento ao extremo, destruidor de Sodoma, Gomorra e, eliminador da humanidade com o dilúvio.

Arendt (2009) comenta que a violência sempre foi elogiada como uma manifestação da força vital e, especificamente, como sendo produto da criatividade humana.

Os glorificadores da violência podem apelar ao fato inegável de que no seio da natureza, destruição e criação são as duas faces do processo natural, de modo que a ação violenta coletiva, (...) pode parecer tão natural como pré-requisito para a vida coletiva da humanidade quanto a luta pela sobrevivência e a morte violenta em nome da continuação da vida no reino animal (ARENDR, 2009:95).

A violência para Arendt (2009), contudo não é um aspecto natural ou pertencente à natureza humana. A violência e a sua glorificação se explicam pela severa frustração da faculdade de agir, que tem suas raízes na burocratização da vida pública, na vulnerabilidade dos grandes sistemas, na monopolização do poder e na secagem da criatividade. O decréscimo da capacidade de agir em conjunto é um convite à violência. Arendt (2009) observa que aqueles que perdem a capacidade de agir em conjunto –

⁷ Hannah Arendt: Hanna Harendt: (1906 – 1975) foi uma das mais brilhantes e originais pensadoras políticas do século XX. Ensaísta e filósofa política. Professora de Filosofia Política na New School Research.

sejam governantes, sejam governados -, não resistem à tentação de aplicarem a violência.

Arendt (2009) salientando o elevado grau de violência que estamos vivendo destaca:

O jogo de xadrez apocalíptico entre as superpotências, quer dizer, entre aqueles que manobram no mais alto plano de nossa civilização, está sendo jogado de acordo com a regra de que “se alguém vencer” é o fim para ambos; trata-se de um jogo que não apresenta semelhança alguma com nenhum jogo de guerra que o precedeu (2009:18).

A violência pode ser justificável, mas nunca será legítima e toda violência destrói o poder. “A violência sempre pode destruir o poder; do cano de uma arma emerge o comando que resulta na mais perfeita e instantânea obediência. O que nunca emergirá da violência é o poder” (ARENDR, 2009:70).

O aspecto basilar do discurso de Arendt (2009) é a diferença que ela elabora sobre poder e violência, mostrando que onde existe violência não existe poder. O poder – que é inerente a qualquer comunidade política – resulta da capacidade humana para agir em conjunto, o que, por sua vez, requer o consenso de muitos quanto a um curso de ação. Por isso, poder e violência são termos opostos: a afirmação absoluta de um significa a ausência do outro. É a desintegração do poder que enseja a violência, pois quando os comandos não são mais generalizadamente acatados, por falta do consenso e da opinião favorável, surge a violência. Para Arendt (2009), a violência destrói o poder, não o cria. O que surge do cano de uma arma não é poder, mas a sua negação, e desse poder de negação não brota o seu oposto.

O poder para Arendt (2009) significa:

O poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas também para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas enquanto o grupo se conserva unido. Quando dizemos que alguém está no poder, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por certo número de pessoas para agir em seu

nome. A partir do momento em que o grupo do qual se originara o poder desde o começo desaparece, seu poder também se esvanece. Em seu uso corrente, quando falamos de um homem poderoso ou de uma personalidade poderosa, já usamos a palavra poder metaforicamente; aquilo a que nos referimos sem a metáfora vigor. Sem um povo ou grupo não há poder. (61)

Arendt (2009) sinaliza que o poder é de fato a essência de todo governo, e não a violência. A violência é por natureza instrumental; como todos os meios, ela sempre depende da orientação e da justificação pelo fim que almeja. O poder é um fim em si mesmo. A própria estrutura de poder precede e supera todas as metas, de sorte que o poder, longe de ser o meio para um fim, é de fato a própria condição que capacita um grupo de pessoas a pensar e a agir em termos de categorias de meios e fins.

Estamos vivenciando a predominância da violência e ausência de poder. A respeito do mundo contemporâneo Arendt (2009) enfatiza: Se fizermos duas perguntas a um membro dessa geração: “como você quer que seja o mundo em cinqüenta anos?” e “O que você quer que seja a sua vida daqui a cinco anos?”, as respostas serão quase sempre precedidas por: “Desde que ainda haja um mundo” e “Desde que eu ainda esteja vivo”. Aquilo com que nos defrontamos é uma geração que de forma alguma está segura de ter um futuro, pois o futuro é como uma bomba-relógio enterrada, cujo tique-taque soa no presente. “Quem são as pessoas da atual geração?” São aqueles que ouvem o tique-taque da bomba. E à outra questão: “Quem são aqueles que negam o perigo que estamos vivenciando?” A resposta pode ser: “Aqueles que não sabem ou recusam-se a enfrentar as coisas como elas realmente são”.

Diante da exposição que elaboramos notamos que a violência é uma realidade e tudo indica que o referido comportamento pode ser uma determinante em todas as relações sendo necessário, portanto, acrescentarmos outras informações para que possamos ter melhor compreensão da gênese do ato violento.

Maturana⁸ (2001) mostra com muita clareza que um sistema vivo está em determinado meio do qual recebe um ruído. O ruído recebido pela estrutura humana somente será uma perturbação se a estrutura reconhecer como sendo uma perturbação.

⁸ Humberto Maturana: biólogo chileno, crítico do realismo e criador da teoria autopoietica, faz parte dos propositores do pensamento sistêmico e do construtivismo radical.

Somente a partir do momento em que a estrutura aceita o ruído como sendo verdadeiro ele (o ruído) passa a representar uma perturbação. Diante da perturbação a estrutura determina uma emoção específica, portanto, o meio e os organismos ou organizações estão em mudanças estruturais contínuas, cada um de acordo com sua própria dinâmica estrutural, e cada um modulado, pelas suas próprias mudanças estruturais. Nessas circunstâncias, a estrutura de cada ser é a determinante e todas as mudanças são possíveis tomando como referência a estrutura.

Utilizando outras palavras, podemos dizer que o sistema vivo está em um meio específico. O meio é o outro, podendo ser a natureza ou simplesmente um sujeito. O meio emite um ruído que ao ser aceito pela estrutura do organismo passa a ser uma perturbação que a estrutura responde por um impulso que é denominado por emoção. A estrutura responde o ruído por uma emoção a qual da origem a uma racionalidade que elabora uma ação, ou seja, um discurso teórico ou prático. Todo o espaço da ação humana funda-se na emoção e, todo o sistema racional se funda também na emoção. A determinante deixa de ser o meio-ambiente para ser a estrutura de cada ser vivo, surgindo o conceito autopoietico que se refere a auto-elaboração pela estrutura (MATURANA, 2001):

A partir do nosso viver cotidiano, sabemos que ao escutarmos alguém, o que ouvimos é um acontecer interno a nós, e não o que o outro diz, embora o que ouvimos seja desencadeado por ele ou ela. Não há dúvida de que gostaríamos que o outro ouvisse o que dizemos, mas isso não acontece. (...) Sistemas vivos são máquinas: são máquinas moleculares que operam como redes fechadas de produções moleculares tais que as moléculas produzidas através de suas interações produzem a mesma rede molecular que as produziu, especificando a qualquer instante sua extensão. Esse tipo de sistema é autopoietico. (2001, p.175)

Existem duas emoções pré-verbais: emoção de amor e de violência. A emoção de violência constitui o espaço de conduta que nega o outro como legítimo outro na convivência; a emoção de amor constitui o espaço de conduta que aceita o outro como um legítimo outro na convivência. A emoção de violência constitui um espaço que culmina com a separação. A emoção de amor impulsiona à aceitação do outro ou de algo como um legítimo outro na convivência, abrindo espaço de interação com o outro, no qual a sua presença é legítima, sem exigências (MATURANA, 2005).

Maturana (2005) distingue sociedade de agrupamento humano. A sociedade surge devido ao movimento centrípeto de pessoas com emoção de amor e o agrupamento humano é resultante do movimento centrípeto de pessoas com emoção de violência. Na sociedade temos relações sociais com aceitação mútua, aceitando o outro como um legítimo outro na convivência. No agrupamento humano não existem relações sociais e somente relações de competição, de trabalho e de negação mútua. A competição implica a contradição e a negação do outro. A vitória é um fenômeno materializado pela derrota do outro. A competição se ganha com o fracasso do outro e se instala quando a emoção de violência é preponderante. Em síntese, na sociedade prevalece o amor e no agrupamento humano a violência.

A emoção de vida funda o social, elabora a sociedade. Somente existe sociedade como resultante das relações que se fundam na aceitação do outro como legítimo outro na convivência, na conduta de respeito. Se não há interação na aceitação mútua, produz-se a separação ou a destruição. Relações humanas que não estão fundadas na emoção de vida não são relações sociais. Nem todas as relações humanas são sociais, (...) porque nem todas se fundam na operacionalidade da aceitação mútua (MATURANA, 2005:26)

Declara Maturana (2005) que a emoção de amor define o sujeito para o social e a emoção violenta elabora o sujeito para competir no mercado. Não existe coincidência de propósitos, pois, preparar para o mercado exige competição que é a negação do outro. A competição sadia não existe porque é um fenômeno violento (rejeição do outro). Na competição não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro.

Outro ponto importante defendido por Maturana (2005) é que a emoção de amor produz racionalidade entre parêntese. A racionalidade entre parêntese significa a não aceitação de uma realidade independente do observador. O observador ou sujeito aceita certa explicação como válida porque satisfaz o seu próprio critério de validação determinado pela sua emoção e logicamente pela sua estrutura. A emoção de violência, conforme Maturana (2005) produz uma racionalidade sem parêntese. Na racionalidade sem parêntese o observador baseia-se somente na racionalidade e as validades das afirmações possuem referências objetivas independentes do observador. “Na objetividade sem parêntese o que eu digo é válido porque é objetivo, é a realidade, são

os dados, são as medições e não sou eu que digo. Aceita uma realidade transcendente que valida o conhecer e o explicar. A universalidade do conhecimento se funda na objetividade” (MATURANA, 2005: 47).

Maturana (2005) faz notar que no viver cotidiano podemos viver na racionalidade entre parêntese ou na racionalidade sem parêntese. Na racionalidade sem parêntese construo uma visão de mundo onde o outro deve fazer o que eu digo ou então está contra mim. Se a emoção de amor predomina passo a viver na objetividade entre parêntese, consciente que não tenho nem posso ter acesso a uma realidade transcendental independente do meu próprio observar; o outro é tão legítimo quanto eu, e sua realidade é tão legítima quanto a minha, ainda que não me agrade e me pareça ameaçadora para a minha existência e para os meus filhos.

Oponho-me a qualquer governo totalitário não porque ele esteja equivocado, mas porque traz consigo um mundo que não aceito. Isto é completamente diferente de dizer que me oponho a um governo totalitário porque ele está intrinsicamente equivocado. Para dizer que algo ou alguém está equivocado, teria que poder afirmar o verdadeiro, e para que minha afirmação do verdadeiro fosse objetiva e, portanto, fundada numa realidade independente de mim, teria que poder conhecer essa realidade (MATURANA. 2005:51).

Depois que analisamos os posicionamentos de Maturana podemos dizer que a violência de Aumann, o decréscimo da capacidade de agir em conjunto explicada por Arendt, a vivência judaico-cristã baseada no terror (Jung) e a existência de um deus mulçumano ou vedanta que praticam a violência são compatíveis com a racionalidade sem parêntese. O “poder” conceituado por Arendt como sendo o agir em conjunto, em harmonia, na aceitação do outro significa a manifestação da emoção de amor e racionalidade entre parêntese.

A racionalidade entre parêntese estrutura um ato de educar específico caracterizado por um processo em que a criança ou o adulto convive com o outro, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. Surge assim a educação do amor onde é colocada em evidência a harmonia fundamental que não destrói, não explora, não abusa, que não pretende dominar o outro,

mas sim que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Ensina-se a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser. Diz Maturana: “Quero um mundo em que respeitemos o mundo natural que nos sustenta, um mundo no qual se devolva o que se toma emprestado da natureza para viver” (2005:35).

A concepção de Maturana (2005) implica que a educação existe para fazer compreender que o progresso não está na contínua complicação ou mudança tecnológica, mas na compreensão do mundo natural, que permite recuperar a harmonia e a beleza da existência nele, com base no conhecimento e no respeito por ele. “Para ver o mundo natural e aceitá-lo sem pretender dominá-lo ou negá-lo, devemos aprender a aceitar-nos e a respeitar-nos como indivíduos” (MATURANA, 2005:35). A educação existe para explicar e o ato de explicar dentro dos parâmetros da emoção de amor é propor uma reformulação da experiência de uma forma aceitável para o observador. No momento em que uma reformulação da experiência é aceita como reformulação da experiência ela se constitui numa explicação para aquele que a aceita.

A tarefa do âmbito escolar é criar as condições que permitam que a criança amplie sua capacidade de ação e reflexão no mundo em que vive, de modo que possa contribuir para a sua conservação e transformação de maneira responsável em coerência com a comunidade e o meio ambiente natural a que pertence. O que está em jogo neste processo é o enriquecimento da capacidade de fazer e refletir da criança, não a transformação ou mudança de seu ser (MATURANA, 2005:14).

A racionalidade entre parêntese não aceita uma educação baseada na violência conforme o discurso elaborado por Aumann, pois a agressão é o domínio dos comportamentos relacionais através dos quais o outro é negado como um legítimo outro em convivência com alguém. A emoção de amor não aceita a imposição religiosa de um deus que deve ser temido e que devemos fazer o que ele quer para sermos salvos, pois a emoção do amor implica aceitação plena do outro como ele é em si mesmo. “Nós, os seres humanos, somos seres pertencentes ao presente de uma história amorosa, não de agressão ou de competição, assim sendo, o âmbito educacional deve ser amoroso e não competitivo, um âmbito no qual se corrige o fazer e não o ser da pessoa” (MATURANA, 2005:15).

A educação do amor não fraciona e não separa o ser humano da natureza, passando a existir o espaço aprendente ecologizado. Ecologização indica “a interdependência entre todos os fenômenos da natureza, as relações existentes entre seres vivos, aprendizes e aprendentes, indivíduos e contextos, sinalizando que tudo que existe, na realidade co-existe, e que nada existe fora de suas conexões ou de suas relações” (MORAES⁹, 2004:133).

Pensamento ecologizado é, portanto, um sistema aberto que traz consigo a idéia de movimento, de fluxo energético contínuo, de propriedades globais, de processos auto-organizadores, indicando a existência de um dinamismo intrínseco que traduz a natureza cíclica desses processos. Tudo está conectado, em profunda comunhão e toda individualidade de um sistema físico ou biológico é sempre uma individualidade em comunhão com o seu entorno, com o seu contexto e com as circunstâncias. Resulta de comunhões e conexões que evoluem coletivamente (MORAES, 2004).

O contexto ecologizado envolve interconexões, onde tudo está entrelaçado. Diz Moraes (2004) que devemos aspirar desenvolver um pensamento que busque a totalidade, embora existam inúmeras dificuldades para alcançar o pensamento onde o ser humano está diretamente entrelaçado com a natureza, já que temos consciência de apenas algumas variáveis, com algumas conexões e não com todas as possibilidades existentes. Na verdade somos limitados pelo nosso próprio nível de consciência.

Necessitamos de um modo de pensar mais complexo, mais profundo e abrangente que reconheça o mundo fenomenal constituído de totalidade/partes e que não fracione o ser humano nem separe o indivíduo do mundo em que vive. Um pensar complexo que compreenda que razão, emoção, sentimento e intuição são elementos inseparáveis, que reconheça que para pensar bem é preciso ter uma compreensão mais clara a respeito da dinâmica da realidade e dos processos nos quais estamos envolvidos. Necessitamos de um olhar mais profundo sobre a realidade para que possamos retomar o diálogo esquecido com a natureza que já não pode continuar sendo aprisionada pelo golpe certo da ciência (MORAES, 2004:120)

⁹ Maria Cândida Moraes: doutora em Educação pela PUC/SP e mestre em Ciências pelo Instituto de Pesquisas Espaciais, Inpe/CNPQ.

A ampliação da consciência, ou seja, a percepção ecologizada implica a existência da estrutura de amor e a percepção que a consciência não encerra a totalidade do existente. Jung acrescenta que a consciência é constituída, de um lado, por seus conteúdos conscientes e, do outro, por seu inconsciente cuja extensão é ignorada e cujos limites não sabemos até onde vão. “A consciência está contida nessa totalidade, tal como o círculo menor em outro mais extenso. (...) Os limites do inconsciente não podem ser fixados. Disso resulta que não podemos determinar os limites da consciência que se desenvolve gradativamente (JUNG, 1985:58). A consciência no pensar de Jung (1985) é um processo de inclusão do inconsciente, ou seja, desvelamento do inconsciente que vai deixando de ser inconsciente para ser consciência.

A escola ecologizada engloba a estrutura de amor, a racionalidade entre parêntese, o espaço aprendente socializado, ampliação da consciência e a ética. A ética possui sua origem no princípio de inclusão. Princípio de inclusão é fonte subjetiva individual da ética. A ética é, para os indivíduos autônomos e responsáveis, a expressão do imperativo da religação. Todo ato ético é um ato de religação, com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade e, em última instância, inserção na religação cósmica. A ética é religação e a religação é ética.

A ética é, para os indivíduos autônomos e responsáveis, a expressão do imperativo da religação. Todo ato ético, vale repetir, é na realidade, um ato de religação, com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade e, em última instância, inserção na religação cósmica. Quanto mais somos autônomos, mais devemos assumir a incerteza e a inquietude e mais temos necessidade de religação. Quanto mais tomamos consciência de que estamos perdidos no universo e mergulhados numa aventura desconhecida, mais temos necessidade de nos religarmos com os nossos irmãos e irmãs da humanidade (MORIN¹⁰, 2005:36)

A escola ecologizada é a escola do amor, a expressão superior da ética que implica na experiência fundamental da cooperação e religação dos seres humanos. Em nível da mais alta complexidade humana, a religação só pode ser amorosa. Conectar-se ao amor significa conectar-se à religação cósmica de maneira infratemporal e infra-

¹⁰ Edgar Morin: pesquisador emérito do CNRS e um dos pensadores mais importantes do século XX.

espacial, sendo que o universo existe devido a uma religação invisível e universal (MORIN, 2005).

Quando referimos à escola ecologizada ou escola do amor sabemos que aprender não significa uma teorização desligada da praticidade e sim que toda conceituação deve ser transformada em atitude para que a educação seja efetivada. A nossa preocupação atualmente, depois que conseguimos elaborar a teoria para a escola ecologizada é justamente colocar em prática os conceitos que elaboramos, isto é, vivenciarmos a prática da educação ambiental (escola ecologizada).

A vivência prática de uma educação ambiental é “ajudar na formação de uma consciência ecológica e na promoção do aprendizado na busca do sentido das coisas, do sentido da vida, a partir do cotidiano” (MORAES, 2004:321). A partir desta colocação podemos indicar, com base em Moraes (2004) aspectos relevantes do posicionamento pedagógico do docente: analisar o posicionamento autopoietico, o que implica no acolhimento do desconhecido, o inesperado e o imprevisível. Estar aberto à mudança de valores, de atitudes e estilos de vida. Escutar os sentimentos, educar a sensibilidade, educar o olhar para que possamos reconhecer a realidade que nós estamos inseridos. Valorizar a intuição como potencialidade na elaboração do conhecimento e nas indicações das ações cotidianas. Desbloquear a expressão sensível para que ela possa expressar as emoções de amor em sua totalidade. Reconhecer a nossa própria essência e preservar a nossa liberdade interior. Eliminar o que é desnecessário, e desfazer do supérfluo na vida cotidiana. Resgatar a alegria do ato de ler, pesquisar e trocar idéias, revitalizando o ambiente em que estamos inseridos. Transcender o cotidiano a partir de novas conexões e relações que emergem. Refletirmos sobre os meios que podemos utilizar para inserir o paradigma do amor no nosso espaço de vivencia. Meditarmos com o objetivo de desenvolvermos nossas potencialidades e aumentar a escuta dos nossos próprios sentimentos.

2 EMOÇÃO DE AMOR ELABORANDO ESCOLAS

2.1 ESCOLAS SATHYA SAI

A proposta educacional de Sathya Sai Baba¹¹ (SUNDARAM, 2008) é centrada nos valores humanos (verdade; paz; não-violência; amor; retidão) manifestam-se através de uma vivência cooperativa entre os seres humanos e uma consciência de pertencimento a natureza. A sua proposta educacional conduziu a construção de escolas e universidades (gratuitas e integrais), atendendo moças e rapazes desde o jardim da infância até o nível superior em várias partes do nosso planeta.



Pátio da Escola de Minas Gerais

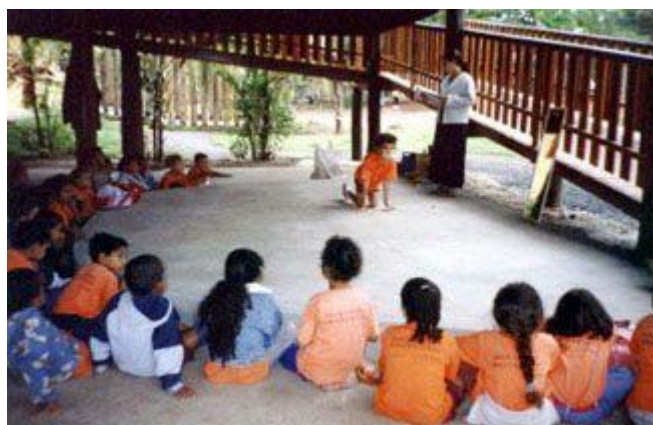
Sundaram (2008) comenta que Sai Baba sempre explica que a transformação dos valores humanos em ação somente é possível com a remoção da ignorância básica de que somos indivíduos separados e isolados. Devemos adquirir o conhecimento da verdade fundamental de que somos uma unidade, interligados e totalmente conectados. As Escolas, do programa Sai Baba, estabelecem como principais metas da educação a formação de pessoas integras, abertas ao serviço solidário e integradas a natureza. .

¹¹ Santhya Sai Baba: mestre indiano que reside no sul da Índia desenvolvendo um programa de valores humanos em nível internacional, abrindo escolas e universidades gratuitas em vários países, inclusive no Brasil.



Sala de Aula - Escola Sathya Sai de Goiânia

Nas Escolas Sai, a educação é sempre oferecida de forma gratuita. A manutenção destas escolas se dá mediante doações e, também, através do serviço voluntário de profissionais que desejam levar adiante este projeto. É importante ressaltar que as equipes de colaboradores vivem os valores humanos que desejam propagar. As escolas não estão vinculadas a nenhuma religião ou credo em particular, ensinando que a espiritualidade de cada pessoa se expressa através de seus talentos, capacidades, intuição e inteligência. A experiência espiritual se manifesta na forma de uma profunda conexão consigo mesmo, com os demais e com a natureza.



Escola Sathya Sai de Ribeirão Preto - SP

O projeto pedagógico do programa está baseado no princípio de que os valores humanos caracterizam a própria natureza do ser e podem se manifestarem através do processo educacional oferecendo oportunidades para resplandecer o próprio interior do discente. O projeto pedagógico possui como objetivo o desabrochar da verdade, paz, não violência, amor e retidão que são manifestações interiores das

peças, conseguindo assim ampliar sua consciência e atuar de maneira harmônica com a natureza.



Escola Sathya Sai de Recife - PE

No Brasil temos as seguintes Escolas Sathya Sai: Andaraí (1993) no Estado do Rio de Janeiro; Jabotão (1999) em Pernambuco; Aparecida de Goiânia (2001) em Goiás; Ribeirão Preto (2002) no Estado de São Paulo; Brumadinho (2004) em Minas Gerais.

2.2 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL TRANSDISCIPLINAR (INÉDITO)

O Instituto de Educação Integral Transdisciplinar (INÉDITO) é uma escola particular integrada por pesquisadores e localizada na Colônia Agrícola Samambaia, coordenada pela professora Josefina Reis de Moraes que participou dos projetos da professora Vera Catalão.



Fotografia: Fachada do INÉDITO.

O INÉDITO destina ao atendimento de alunos da educação infantil e do ensino fundamental, comprometido em ser agente de formação integral e de transformação social. Objetiva a construção de uma proposta pedagógica transdisciplinar por compreender e destacar a importância da subjetividade do olhar e da percepção do meio ambiente como espaço de aprendizagem e de integração entre os discursos institucionais e as práticas locais.



Fotografia: Produção do painel da água, após a saída ao Parque Nacional de Brasília.

O referido instituto acredita na educação como vetor de transformação social, pressupondo um novo senso de justiça e solidariedade capaz de abranger indivíduos, sociedade e natureza como uma totalidade em constante movimento pela preservação da vida. Educação como espaço de mudança e conservação, momento que

envolve o diálogo entre diferentes culturas e gerações, concebendo-se o ato de aprender, criar, compartilhar, mudar e continuar aprendendo como parte do processo educativo, enquanto prática social.



Fotografia: A Roda da Alegria: momento de integração e avaliação.

A proposta da escola inclui o trabalho com quatro grandes temas que comportam uma diversidade de temas, tendo a água como matriz ecopedagógica durante todo o ano letivo. Além da questão da água, outros temas importantes surgiram a partir da realidade: problemas de lixo e excesso de ratos; ecologia interior como foco na saúde, alimentação, sexualidade e auto-estima do aluno, desperdício de água e energia. O meio ambiente no currículo do INÉDITO não se constitui em um tema fragmentado a ser desenvolvido apenas no período letivo, mas inserido de forma permanente em todos os âmbitos da vida, podendo ser subdividido em meio ambiente pessoal, social, cultural, natural e construído.



Fotografia: Família INÉDITO 2006

Observamos que as escolas salientadas estão trabalhando com a emoção do amor, a favor da vida, da cooperação e ampliação da consciência. São escolas que estão diminuindo a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Escolas que estão trabalhando na vida cotidiana com o respeito ao outro e integrando o ser humano na natureza. Escolas que estão transformando sonhos em realidade.

CONCLUSÃO

Observamos no nosso cotidiano que estamos vivendo a cultura da violência que é manifestada na exploração do trabalhador pelo empregador; no imperativo que a pobreza econômica é natural; nas imposições dos discursos religiosos sobre os fieis; no domínio absoluto dos pais sobre os filhos; no dogmatismo dos docentes na transmissão de verdades inquestionáveis; na elaboração de sentidos pelo poder midiático que constrói pessoas servis; no controle dos discursos pelo poder que cerceia a livre manifestação do pensamento; na elaboração de sistemas panóticos que confirmam a autoridade de uns poucos sobre a maioria; na imposição constante da competição onde o melhor é aquele que destrói ou vence o outro; na ganância pela acumulação de riqueza provocando guerras; nas atitudes impositivas que solapam a autonomia das pessoas e para não prolongar salientamos a violência da burguesia na busca constante do aumento da mais-valia para satisfazer suas próprias necessidades de luxo.

Mostramos a violência do ser humano sobre o próprio ser humano e não podemos esquecer o consumo voraz de recursos e a emissão desenfreada de poluentes que põem em xeque a sobrevivência da humanidade envenenando a água, o ar e a terra. A camada protetora de ozônio na atmosfera sendo corroída; os desertos avançando dia a dia existindo o prognóstico da falta de água potável para abastecer o consumo mundial. A fauna e a flora sendo extinta; as florestas tropicais desaparecendo rapidamente e a ingestão excessiva de ingredientes tóxicos ameaçando o sistema imunológico dos seres humanos.

Destacamos a existência das Escolas Sathya Sai no Brasil e do Instituto de Educação Integral Transdisciplinar (INÉDITO) como sendo pontos focais materializados da formação integral e da transformação social.

Concluimos o nosso trabalho reconhecendo que a cultura de violência na modernidade gerou a busca pelo lucro e o lucro passou a ser a manifestação exógena da violência destruindo o ser humano e a natureza. A violência manifestada no lucro passou a ser a raiz destrutiva do planeta que vivemos. Há somente uma solução radical: a ampliação da consciência de cada ser humano libertando-se da emoção de morte e da racionalidade sem parêntese. A escola ecologizada passa a ser o instrumento imprescindível da transformação individual através do oferecimento de um espaço onde possa construir um pensamento radicalmente reflexivo que coloque o indivíduo como pertencente à estrutura cósmica dando-lhe condições para que a emoção de amor se manifeste em toda sua plenitude.

REFERÊNCIAS

- ALCORÃO SAGRADO. São Paulo: **Centro de Divulgação do Islam para América Latina**, [1989]. 512 p.
- AUMANN, Robert. **O Irã não nos atacaria**. Revista Veja. São Paulo. Edição 2137, (17 – 21), Novembro 2009.
- BHAGAVAD-GITA. São Paulo: **The Bhaktivedanta Book Trust**, [1976]. 889 p.
- HARENDT, Hanna, **Sobre a violência**. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira; 2009.
- JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jó**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. **O simbólico da transformação na missa**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Editora Universidade de Minas Gerais. 2001
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005
- MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, Josefina Reis. A construção de uma proposta pedagógica transdisciplinar como eixo de mudança em um processo participativo de gestão ambiental. 2006. 256 f. **Dissertação de Mestrado** em Planejamento e Gestão Ambiental – Universidade Católica de Brasília/DF 18 de maio de 2006.

SUNDARAM, Sathya Sivam. **A vida de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba**. Rio de Janeiro: Fundação Sai, 2008